

O CANIS FAMILIARIS: SUA DENOMINAÇÃO EM FRANCÊS E EM PORTUGUÊS

Celina Scheinowitz

Universidade Estadual de Feira de Santana

Colaboração: Mailly Bahia de Carvalho (Estudante)

Maria Conceição Costa de Carvalho (Estudante)

RESUMO: Estuda-se a denominação, em francês e em português, da espécie zoológica primeiramente domesticada pelo homem, o cão. Prestam-se informações extralingüísticas acerca do animal e destaca-se a pertinência da questão nos estudos lingüísticos, em especial naqueles concernentes à reconstituição de línguas hipotéticas. Os vocábulos, nas duas línguas, são analisados do ponto de vista de sua constituição histórica e, sincronicamente, na rede paradigmática e sintagmática de significações em que se inserem.

PALAVRAS-CHAVE: Cão/cachorro; análise lexical contrastiva; léxico.

O REFERENTE

Canis familiaris é o nome da espécie zoológica que se aplica ao primeiro animal domesticado pelo homem, o cão. Trata-se de uma variedade doméstica do gênero *canis*, do qual o lobo (*canis lupis*) e o chacal (*canis aureus*) representam espécies selvagens, todos pertencentes à família dos canídeos ou cânidas (*canidae*). Também como espécies selvagens, existem no Brasil dois representantes do gênero, o *canis thous*, conhecido popularmente como cachorro-do-mato, embora essa denominação envolva outras espécies e o *canis jubatus*, conhecido como guará ou lobo brasileiro. A única espécie doméstica do gênero *canis* é, entretanto, o *canis familiaris*, o cão, objeto de nosso interesse nessa pesquisa.

Segundo a *Enciclopédia Barsa*, não há certeza quanto à origem do cão, sendo que alguns naturalistas acreditam que descenda do lobo, outros que provenha do chacal ou do cruzamento de chacais com lobos. Para outros, ainda, algumas raças procederiam do lobo enquanto outras viriam do chacal, do coiote ou da raposa.

A *Enciclopédia Mirador Internacional* atribui a ancestralidade mais remota para o animal ao *Miacis*, quadrúpede que viveu no Oligoceno e que representa o provável tronco de duas grandes superfamílias, *Canoidea* e *Feloidea*, contemporâneas do primitivo macaco antropóide, o *Propliopiteco*. A disseminação da superfamília *Canoidea* ocorreu ao longo dos períodos Mioceno e Plioceno, havendo aparecido na fase final deste o *Tomarctus*, considerado o ancestral do cão moderno, do qual descendem quatro grandes troncos a que se filiam os cães conhecidos hoje. Esses quatro troncos são os seguintes:

- *Canis familiaris matris-optimae* (que possivelmente deu origem aos cães pastores, collies, etc.)
- *Canis familiaris intermedius* (do qual se originam os cães esquimós, os chow-chows, etc.)
- *Canis familiaris inostranzewi* (possível antepassado dos mastins, boxers e outros)
- *Canis familiaris leineri* (precursor dos bassês, beagles, galgos e terriers).

A grande diversidade de raças não implica necessariamente em origens diferentes. Pode ser explicada por mutação genética, manipulação dos homens ou seleção natural, várias hipóteses tendo sido aventadas para relacionar as peculiaridades morfológicas das raças atuais com as do tronco comum. Como ilustração, citamos o fato de um desenvolvimento intra-uterino mais lento explicar a existência de formas caninas fetalizadas, o caso dos chihuahuas, pequineses, etc., ou a interferência da tireóide estar nas origens dos membros curtos dos bassês. Alterações como essas teriam se fixado por seleção e se tornado características raciais.

A ciência tem se interessado também em buscar explicações para o processo de domesticação do cão. Formula-se a hipótese de que, dos descendentes do *Tomarctus*, que eram animais parecidos com o lobo, porém mais fortes e de pernas mais longas, surgiu um tipo diferente, com crânio menos alongado, focinho mais curto e pernas menos compridas. Essas modificações teriam limitado sua capacidade de caça e facilitado sua domesticação. Inicialmente acompanhavam o homem nas caçadas, à distância, para disputar as sobras com as hienas e chacais, passando paulatinamente a viver nas proximidades das habitações humanas. Foi nessa época, em que o homem teve acesso aos filhotes, que teria começado a domesticação.

Desde os tempos mais longínquos, o homem procurou aproveitar-se dessa aproximação com o cão, tornando-o um auxiliar e um companheiro. Além de usá-lo como animal caçador, incluiu-o entre os que lhe serviam de alimento, prática observada ainda recentemente em alguns países do Oriente, como na China e na Coréia, bem como em regiões de cultura germânica. Inúmeros outros serviços tem prestado o cão, sendo usado para vigiar rebanhos (cães pastores), puxar trenós (cães dos esquimós e os huskies), como animais de carga (cães do Tibet), para salvar o homem do risco de afogamento (Terra Nova) ou de aprisionamento na neve (cães São Bernardo).

O NOME

Do ponto de vista lingüístico, a denominação que tem recebido nas diferentes línguas o “mamífero da ordem dos carnívoros da família dos cânidas (*canis familiaris*)”¹ é de importância capital. Como elemento constitutivo do conjunto “animais domésticos”, tem servido para o estudo do parentesco das línguas e assume uma posição chave, notadamente na reconstituição do indo-europeu, contribuindo inclusive para a delimitação do *habitat* primitivo dos falantes dessa língua hipotética, cuja existência se postula a fim de explicarem-se as inúmeras concordâncias existentes em um número elevado de línguas. A esse propósito, salienta Jean Haudry, em seu livro *L'indo-européen*, no capítulo referente à reconstituição lexical do indo-europeu:

*Les quelques noms de plantes, d'arbres et surtout les noms d'animaux d'Europe septentrionale qui y sont représentés fournissent de précieux indices pour la localisation de l'habitat primitif.*²

O nome dos animais domésticos também é fonte de estudo na filiação das línguas ameríndias com famílias lingüísticas do Velho Mundo. Alexandra Aikhenvald Angenot e Jean-Pierre Angenot, em sua apresentação de correspondências entre o Proto-Jê da América do Sul e o Proto-Nostrático eurasiático, destacam o item *dog* em sua listagem:³

56 'dog' (N) IE lup- 'wolf' (J) r▷ p. Ap. r▷p,
Ca r▷p, Su rop. (Macro-Jê: K (ij▷)r▷)^{4,5}

ANÁLISE CONTRASTIVA

A primeira observação que se poderia fazer de um ponto de vista contrastivo é a de que o latim *canis* continua no francês *chien* e no português de Portugal *cão*. Já na variedade brasileira, temos *cachorro* na designação do mesmo referente, a forma *cão* tendo sido relegada à condição de mero eruditismo. Dito de outra forma, se o vocábulo francês *chien* representa a continuidade da forma latina *canis* (*canem*), não se pode, com relação ao português, generalizar-se e afirmar-se o mesmo, pelo menos se considerarmos a norma brasileira. Nesta, a forma mais comumente usada para designar o animal quadrúpede, carnívoro, da família dos cânídeos ou cânidas (*Canis familiaris*) é *cachorro*, a lexia *cão*, que continua a forma latina, tendo sido suplantada pela primeira e relegada, como dissemos anteriormente, à condição de eruditismo, o que não ocorre em Portugal, onde as formas *cão* e *cachorro* não são sinônimas e apenas a primeira traduz o francês *chien*, a segunda significando “filhote de certos animais, como a cadela, a loba, a hiena, a onça, a leoa, etc.” Se consultarmos os dicionários bilíngües, verificamos

que os publicados no Brasil apresentam a correspondência fr. *chien*/pt. *cão*, *cachorro*, enquanto que os publicados em Portugal dão fr. *chien*/pt. *cão*. Entretanto, *chien* corresponde a *cão*, mesmo no português do Brasil, em dois casos: na denominação das constelações do *Grand chien* e do *Petit chien*, que se traduzem por *Cão maior* e *Cão menor*, e como termo técnico, significando uma peça de certas armas de fogo, acepção atestada em francês pela primeira vez em 1630. Ou seja, o francês *chien*, a depender do contexto frasal, equivale, no português do Brasil, a: 1) *cachorro* +, *cão* (Le chien m'a mordu) (Nome do animal); 2) *cão* (Syrius, de la constellation du *Grand chien*, est l'étoile qui brille le plus au firmament, après le Soleil; l'étoile ∞ de la constellation du *Petit chien* est Procyon) (Nome de constelações) e (Armer le *chien* d'un fusil) (Peça de arma de fogo).

No Brasil, portanto, não se faz mais a distinção entre *cão*, mamífero da família *Canidae* (*Canis familiaris*) e *cachorro*, filhote ou cria de alguns animais. Antenor Nascentes⁶ explica a mudança semântica ocorrida no português do Brasil para o vocábulo *cachorro* com a consideração de que *cão*, sendo um termo insultoso e um dos eufemismos para *diabo*, passou a ser evitado na designação do animal. Levantamos a hipótese de que a palavra *cão* tenha se tornado, em um momento dado, um tabu lingüístico, com base na análise de Louis-Jean Calvet⁷ acerca dos nomes do *coelho*, da *raposa* e da *doninha* em francês, em cujas histórias houve substituição de termos, com que se procurava evitar pronunciar-se o nome do animal, como para se conjurar a sorte (cf. ant. fr. *connin*, *connil*, fr. mod. *lapin*; ant. fr. *goupil*, fr. mod. *renard*; ant. fr. *mostoile*, fr. mod. *belette*). O mesmo fenômeno de substituição lexical ocorreu em português e em espanhol, com relação à *raposa*, designada em diferentes diacronias desta última língua como *vulpeja*, *raposa* e *zorra*, o último item pertencente ao espanhol moderno. Quanto à *doninha*, o domínio do tabu deve ter sido ainda mais amplo, pois atingiu uma vasta região da România, não havendo também continuadores modernos para o latim *mustela* em espanhol (*comadreja*), em italiano (*donnola*) e em português (*doninha*).

Do exposto, somos levados a concluir, no que concerne ao caso específico dos termos *chien*, *cão* e *cachorro*, pelo caráter inovador do português do Brasil com relação ao português de Portugal, que aparece como conservador, alinhando-se ao lado do francês, igualmente marcado, aqui, pelo conservantismo. Situação, aliás, atípica, se considerarmos a análise dos especialistas, reafirmada por B. E. Vidos no texto que se segue:

[...] el francés no solo es la única lengua románica que no tiene ninguno de los rasgos conservativos arriba mencionados, sino que es la menos conservadora. Mientras el sardo es la lengua románica más conservadora, "el francés, a pesar de la fuerte tradición escrita tan obstaculizadora", es "la lengua más evolucionada; todas las demás representan intermedios". El francés es, pues, la lengua románica que más se ha alejado del latín; es la menos latina de las lenguas neolatinas. Este es el rasgo característico más evidente del francés, y al mismo tiempo la característica fundamental de esta lengua entre las románicas.⁸

CHIEN

A primeira forma atestada no francês é *chen*, em 1080, na Chanson de Roland, tendo ela evoluído para *chien*, entre 1195 e 1200. A origem é o latim *canis* (*canem*), que substituiu um antigo tema terminado em *n* (como no grego *kûon*), eliminado por motivo de seu caráter anômalo e pela tendência do latim em substituir uma flexão imparissilábica por outra parissilábica. Apesar do vocalismo difícil de se explicar, atribui-se uma filiação indo-européia para *canis*, que descenderia do grupo comum ao grego *kûon* (cf. os derivados *cynégétique*, *cynique*). O feminino do vocábulo é *chienne*. O feminino *cagne* é arcaico, hoje a palavra significa “cachorro ruim, viralata”, “pessoa desprezível” e, na gíria dos estudantes, “classe preparatória à Escola normal superior (Letras)”, nesta última acepção podendo ser grafada como *khâgne*. O filhote do *chien* chama-se *chiot* e, para a voz do animal, diz-se *aboyer* (*aboiement*) e também *japper* (*jappement*), para latidos fracos e agudos, *hurler* (*hurlement*), para uivos longos denotativos de medo ou fúria, *grogner* (*grognement*) e *gronder* (*grondement*), para runhidos do animal que rosna, exprimindo descontentamento e *glapir* (*glapisement*), para gritos agudos, semelhantes aos da raposa. Como sinônimos, mais exatamente, parassinônimos, encontramos: *toutou* (linguagem infantil), *clebs* (pop.), *cabot* (fam.), *clébard* (pop.) e *cador* (pop.).

O semantismo do vocábulo inclui o nome do animal doméstico, mamífero, carnívoro, da família dos canídeos (fr. *canidés*), dos quais existem numerosas raças e também sua utilização metafórica como termo injurioso e em expressões idiomáticas.

Desde o francês antigo *chien* se utiliza em sentido figurado fortemente pejorativo quando se aplica a um homem ou, no feminino, a uma mulher com referência a um opróbrio de cunho sexual. Entretanto, quando se diz de uma mulher que ela *a du chien* (expressão *avoir du chien*, atestada pela primeira vez em 1866), faz-se alusão a seu poder de sedução feminina.

Nos sintagmas *Chien de...* (*un chien de temps*, *une chienne de vie*) ou *... de chien* (*humeur*, *caractère de chien*, *mal de chien*; *métier*, *vie de chien*; *temps de chien*), o vocábulo *chien* traz uma qualificação pejorativa, com referência a algo de penoso, difícil, excessivo, detestável ou ruim. A forma pode ainda funcionar para marcar a intensidade: *une peur de chien* (abonada por Zola), *un froid de chien* (equivalente a *froid de canard*). *Coup de chien* significa “golpe traiçoeiro” e *nom d'un chien* é um xingamento em que, por eufemismo, procura-se evitar o nome de Deus. A partir do sentido “chien de garde” (= cão de guarda), formaram-se as expressões *chien de quartier* (= ajudante-de-ordens), *chien de bord* (= substituto de comandante de um navio), *chien de régiment* (= cabo) e *chien du Commissaire* (= secretário do comissário de-polícia), os dois últimos pouco usados atualmente. Os quatro termos são pejorativos; entretanto, no último, em que *chien* tem por complemento um nome de pessoa, o insulto se faz maior. Sintagmas com sentidos analógicos desenvolveram-se, desde o século XIII, como *chien de mer*, que designa um tipo de tubarão pequeno.

CHIEN

A primeira forma atestada no francês é *chen*, em 1080, na Chanson de Roland, tendo ela evoluído para *chien*, entre 1195 e 1200. A origem é o latim *canis* (*canem*), que substituiu um antigo tema terminado em *n* (como no grego *kûon*), eliminado por motivo de seu caráter anômalo e pela tendência do latim em substituir uma flexão imparissilábica por outra parissilábica. Apesar do vocalismo difícil de se explicar, atribui-se uma filiação indo-européia para *canis*, que descenderia do grupo comum ao grego *kûon* (cf. os derivados *cynégétique*, *cynique*). O feminino do vocábulo é *chienne*. O feminino *cagne* é arcaico, hoje a palavra significa “cachorro ruim, viralata”, “pessoa desprezível” e, na gíria dos estudantes, “classe preparatória à Escola normal superior (Letras)”, nesta última acepção podendo ser grafada como *khâgne*. O filhote do *chien* chama-se *chiot* e, para a voz do animal, diz-se *aboyer* (*aboiement*) e também *japper* (*jappement*), para latidos fracos e agudos, *hurler* (*hurlement*), para uivos longos denotativos de medo ou fúria, *grogner* (*grognement*) e *gronder* (*grondement*), para runhidos do animal que rosna, exprimindo descontentamento e *glapir* (*glapissement*), para gritos agudos, semelhantes aos da raposa. Como sinônimos, mais exatamente, parassinônimos, encontramos: *toutou* (linguagem infantil), *clebs* (pop.), *cabot* (fam.), *clébard* (pop.) e *cador* (pop.).

O semantismo do vocábulo inclui o nome do animal doméstico, mamífero, carnívoro, da família dos canídeos (fr. *canidés*), dos quais existem numerosas raças e também sua utilização metafórica como termo injurioso e em expressões idiomáticas.

Desde o francês antigo *chien* se utiliza em sentido figurado fortemente pejorativo quando se aplica a um homem ou, no feminino, a uma mulher com referência a um opróbrio de cunho sexual. Entretanto, quando se diz de uma mulher que ela *a du chien* (expressão *avoir du chien*, atestada pela primeira vez em 1866), faz-se alusão a seu poder de sedução feminina.

Nos sintagmas *Chien de...* (*un chien de temps*, *une chienne de vie*) ou *... de chien* (*humeur*, *caractère de chien*, *mal de chien*; *métier*, *vie de chien*; *temps de chien*), o vocábulo *chien* traz uma qualificação pejorativa, com referência a algo de penoso, difícil, excessivo, detestável ou ruim. A forma pode ainda funcionar para marcar a intensidade: *une peur de chien* (abonada por Zola), *un froid de chien* (equivalente a *froid de canard*). *Coup de chien* significa “golpe traiçoeiro” e *nom d'un chien* é um xingamento em que, por eufemismo, procura-se evitar o nome de Deus. A partir do sentido “chien de garde” (= cão de guarda), formaram-se as expressões *chien de quartier* (= ajudante-de-ordens), *chien de bord* (= substituto de comandante de um navio), *chien de régiment* (= cabo) e *chien du Commissaire* (= secretário do comissário de-polícia), os dois últimos pouco usados atualmente. Os quatro termos são pejorativos; entretanto, no último, em que *chien* tem por complemento um nome de pessoa, o insulto se faz maior. Sintagmas com sentidos analógicos desenvolveram-se, desde o século XIII, como *chien de mer*, que designa um tipo de tubarão pequeno.

O sintagma ...*comme un chien* introduz uma comparação com o mesmo valor pejorativo de *de chien* (*Traiter quelqu'un comme un chien*), podendo ser usado igualmente para marcar a intensidade (*être malade, fatigué comme un chien*). *Nager comme un chien de plomb* significa "nadar muito mal", sendo um reforço da expressão *nager en chien*, ou seja, "nadar batendo os braços e as pernas e jogando água para cima." *Comme un jeune chien* é um termo de comparação que qualifica um comportamento desordenado (*sauter, courir comme un jeune chien*). A comparação ... *comme un chien mouillé* utiliza-se com os verbos *se secouer, s'égoutter*, em que se faz referência ao gesto do animal molhado. A comparação aparece ainda em numerosas expressões arcaicas: *être comme un chien à l'attache, être fait comme un chien fou, étriller quelqu'un comme un chien courtaud, être malheureux comme un chien qui se noie, avoir du crédit comme un chien à la boucherie*.

A locução adverbial ... *à la chien* aplica-se a *coiffure* ou a *être coiffé* para designar um penteado com franja na testa. *Mauvais chien*, "pessoa rabugenta, maldosa", vem documentada em Proust, entretanto a locução está envelhecida. *Chien couchant* significa "pessoa servil" e também se encontra em Proust (em ambos os casos, no tomo II de *À la recherche du temps perdu*, p. 218 no primeiro caso e p. 951, no segundo). Com redobro, *chien-chien* usa-se, na linguagem familiar, para designar ironicamente um animal extremamente dengado pelos seus proprietários (*Le pauvre chien-chien à sa mère va s'enrhumer s'il sort sans son manteau!*⁹).

No século XIX, *chien* passou a ser usado na gíria dos jornalistas (1874), tendo permanecido na expressão *chiens écrasés* (1881), como sinónimo de "rubrique de faits divers" (= resenha policial, em jornal).

O termo *chien* aparece na composição de numerosas expressões idiomáticas, algumas muito antigas na língua francesa, como *entre chien et loup* (= na boca da noite, ao lusco-fusco, entre lobo e cão), com datação anterior a 1250. A seguir, apresentamos outras expressões que compõem o elenco dessas locuções idiomáticas: *chien perdu sans collier* (= cachorro sem dono, e lit., aplica-se a crianças órfãs ou abandonadas), *accuser son chien de la rage* (= julgar com severidade o que se deseja suprimir ou destruir), *ne pas attacher son chien avec des saucisses* (= ser avarento, ser pão-duro, ser casquinha), *avoir d'autres chiens à fouetter* (ou: *avoir d'autres chats à fouetter*) (= ter outras preocupações mais importantes em mente, ter outras coisas para fazer), *avoir du chien* (= ter um encanto brejeiro), *dormir en chien de fusil* (= dormir encolhido, com as pernas dobradas e os joelhos perto do queixo), *ne pas donner sa part aux chiens* (ou: *ne pas donner sa part aux chats*) (= guardar para si, querer aproveitar-se de algo), *n'être pas bon à jeter aux chiens* (= não prestar para nada), *n'être pas fait pour les chiens* (= ser utilizável pelo homem), *faire le chien couchant* (= ser extremamente servil), *garder (promettre) à quelqu'un un chien de sa chienne* (= guardar raiva e querer se vingar de alguém), *se regarder en chiens de faïence* (= olhar um para o outro com a cara fechada), *rompre les chiens* (= mudar de assunto, parar de conversar sobre algo desagradável, falar de outra coisa), *arriver (venir...)*

comme un chien dans un jeu de quilles (= com quatro pedras nas mãos, muito mal), *s'entendre (vivre, être...) comme chien et chat* (= como cão e gato e como gato e cachorro), *être comme le chien du jardinier* (complementando: *il ne mange point de choux et ne veut pas que les autres en mangent*) (= não dar para as outras pessoas um bem que não se pode ter para si ou no qual não se está interessado), *merci, mon chien!* (diz-se a uma criança que, ao agradecer algo, esquece de acrescentar a forma de polidez: Monsieur, ou Madame, ou Mademoiselle), *le premir chien coiffé* (= o primeiro que aparece pela frente), *un temps à ne pas mettre un chien dehors* (= um tempo ruim).

Entre as expressões idiomáticas consideradas arcaicas, destacamos: *dormir en chien* (= dormir sem comer), *ne pas valoir les quatre fers d'un chien* (= não valer absolutamente nada), *donner du chien* (= levantar o moral).

O vocábulo *chien* aparece como termo de vários provérbios, entre os quais lembramos: *chien hargneux a toujours l'oreille déchirée* (= os que gostam de briga carregam consigo as marcas de sua valentia), *bon chien chasse de race* (= filho de peixe peixinho é, cão de raça caça), *un chien regarde bien un évêque* (= olhar não tira pedaço; diz-se de alguém que não gosta de ser observado), *c'est le chien de Jean de Nivelle qui s'enfuit quand on l'appelle* (provérbio atestado no século XVII, usado a propósito de alguém pouco generoso, que se subtrai e se escapa quando se precisa dele; trata-se de uma alusão histórica a Jean de Nivelle, que foi solicitado por seu pai, Jean II de Montmorency, para ajudar o rei Luis XI da França, em guerra contra o duque de Bourgogne, e se recusou a fazê-lo; a denominação de *chien* designa portanto Jean de Nivelle, por seu comportamento desprezível), *ce sont deux chiens après un os* (= diz-se de duas pessoas ávidas que cobiçam o mesmo objeto), *un chien vivant vaut mieux qu'un lion mort* (= mais vale um burro vivo do que um sábio morto), *chien qui aboie ne mord pas* (= cão que ladra não morde), *les chiens aboient, la caravane passe* (= os cães ladram e a caravana passa), *qui veut noyer son chien l'accuse de la rage* (= julga-se com severidade o que se quer suprimir ou destruir).

Inúmeras locuções adverbiais caíram em desuso: *il n'est chasse que de vieux chiens* (= apenas a experiência é eficaz); *leurs chiens ne chassent pas ensemble* (= eles não se entendem); *qui aime Bertrand aime son chien* (variante: *qui m'aime aime mon chien*) (= devemos gostar de tudo em nossos amigos); *chien échaudé craint la cuisine* (substituído por: *chat échaudé craint l'eau froide*) (= gato escaldado tem medo de água fria); *il vaut autant être mordu d'un chien que d'une chienne* (= pouco importa a causa dos males, se estes são idênticos); *c'est Saint Roch et son chien* (= estes dois só andam juntos; são duas pessoas inseparáveis); *à tout heure, chien pisse et femme pleure* (provérbio antifeminista; = certos comportamentos são inevitáveis); *ils font comme les grands chiens, ils veulent pisser contre les murailles* (= é acima de suas forças); *tandis que le chien pisse, le loup s'enfuit* (todos os momentos são preciosos em certas circunstâncias).

COMENTÁRIO SOBRE OS DICIONÁRIOS FRANCESES USADOS NA PESQUISA

Nessa pesquisa, foram utilizados sobretudo dicionários como instrumentos de trabalho. São os seguintes os dicionários da língua francesa usados na investigação:

- *Dictionnaire pratique du français*. Hachette, 1987 (DPF).
- *Dictionnaire du français contemporain*. Larousse, 1971 (DFC).
- *Petit Larousse illustré*. Larousse, 1974 (PLI).
- *Petit Robert*. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Société du nouveau Littré, 1994 (PR).
- *Dictionnaire historique de la langue française*. Société du nouveau Littré (Dictionnaires Le Robert), 1992 (DHLF).
- *Trésor de la langue française*. Du XIX au XX siècle. 16 tomos. CNRS, Gallimard, 1971-1995 (TLF).
- *Dictionnaire des synonymes*. Larousse, 1988 (DS).
- *Dictionnaire des expressions et locutions*. Les usuels du Robert, 1989 (DEL).
- *Dicionário francês-português de locuções*. Editora Ática, 1980 (DFPL).

DFC/DPF:

1. Elementos que aparecem no DFC como integrantes da definição e constam no DPF como exemplos: "ayant diverses aptitudes: chasse, garde des troupeaux ou des maisons, traction des traîneaux, etc."(DFC) / *Chien de chasse, de garde, de berger* (DPF).

2. O DPF coloca como entrada o masculino e o feminino (*chien, chienne*), enquanto o DFC dá a informação de que a fêmea do chien é CHIENNE, dentro de parênteses, fazendo parte da definição.

3. O DFC apresenta no verbete sinônimos, familiar (*cabot*) e popular (*clebs*). O DPF omite essa informação.

4. Ambos os dicionários fazem o levantamento de empregos metafóricos e de expressões idiomáticas, entretanto, o DFC é mais completo.

Expressões que aparecem no DFC e que não constam do DPF ou que aí aparecem de forma diferente:

DFC	DPF
• <i>métier de chien</i> (ou: <i>chien de métier</i>)	_____
• <i>temps de chien</i> (ou: <i>chien de temps</i>)	_____
un temps	Apresenta apenas: de chien
• <i>temps à ne pas mettre un chien dehors</i> (a expressão aparece como sinônimo de <i>temps de chien</i>)	_____
• <i>coup de chien</i>	_____

- mal de chien

- Apresenta um grupo de expressões em que *chien* vem precedido de *comme* (5 expressões): *malade comme chien*; *vivre, mourir, être enterré comme un chien*; *traiter quelqu'un comme un chien*; *recevoir quelqu'un comme un chien dans un jeu de quilles*; *vivre, être comme chien et chat*
- être coiffé à la chien
- le chien du commissaire

DFC/DEL:

O DEL considera como envelhecida (mot "vieilli") a expressão *chien du commissaire*, entretanto esta consta do DFC ("Le chien du commissaire (de police), son secrétaire, son remplaçant"). Sendo este um dicionário que pretende descrever o estado atual do léxico usual da língua francesa, podemos relativizar a informação do DEL e considerar que a expressão pertence à sincronia atual da língua.

PR:

O verbete começa com dois vocábulos na entrada, o masculino e o feminino. Seguem-se a transcrição fonética das formas masculina e feminina, entre colchetes, a indicação da categoria gramatical (subst.), a primeira ocorrência da palavra na língua francesa (*Chen*, 1080) e a etimologia (lat. *canis*). A seguir, o dicionário dá as diferentes acepções do vocábulo, classificando-as em dois grupos: I e II. Cada grupo é subdividido em subgrupos de significações de sentidos. O primeiro grupo contém seis subgrupos e o segundo, três.

Quando vamos examinar a definição da primeira acepção do vocábulo *chien*, ficamos surpresos: a indicação "issu du loup" (vindo do lobo) parece-nos uma tomada de posição do dicionarista susceptível de crítica, uma vez que na Zoologia isso não está provado.

TLF:

O TLF faz uma listagem sistemática dos empregos relativos à língua francesa dos séculos XIX e XX, com uma documentação extremamente rica na abonação dos empregos para essas épocas. Pela ordem de aparecimento no verbete, encontramos, para o século XIX, citações dos seguintes autores: E. e J. de Goncourt,

Maupassant, Renard, Dict. de l'Acad., Courteline, Balzac, Littré; Zola, De Camp, Bloy, Loti, Chateaubriand, Amiel, J. Vallès, Reider, Stendhal, Michelet, A. France, Verne, Sue, Musset, Leconte de Lisle, About, Hugo. Para o século XX, temos: H. Lowie, Camus, G. Leroux, G. Cesbron, Dict. de l'Acad. (ed. 1932), R. Martin du Gard, Montherland, Pourrat, Colette, Adam, G. Duhamel, Bernanos, Pagnol, Céline, Cendrars, L. Daudet, Aragon, Renard (*Journal* 1901), Romain, Barrès, Bremond, Leloir. O verbete está organizado em três grupos: I: Le chien dans son animalité; II: Le chien comme figure de l'être humain e III: Par analogie de forme, d'apparence, *chien* désignant des êtres autres qu'humains ou des inanimés. O primeiro grupo é subdividido em A. e B., este último, por sua vez, em: Cour., P. métaph., Journ., Synt., Fam., iron. O grupo II, em A (1,2,3 - com subdivisões), B (1 (a) e b)), 2 (a), b), c) e d)), 3 (a) Loc. usuelles, b) Plus rare., c) P. allus. à l'histoire e d) Jurons) e 4. Proverbes (a) P. allus. à la Bible, b) Autres proverbes). O grupo III se subdivide em A., B., C., D. e E.

Em conclusão, observa-se que o TLF apresenta uma análise rigorosa do item lexical *chien*, agrupando os empregos por critérios semânticos e formais e levando em conta os registros da fala bem como elementos extralingüísticos, com base em uma sólida documentação referente aos séculos XIX e XX.

CÃO, CACHORRO

No Brasil, os dois vocábulos são sinônimos imperfeitos, o primeiro, de origem indo-européia (do latim *canem*), sendo usado apenas em um registro formal para designar o animal. Além disso, a significação do segundo é mais propriamente, como em espanhol, a de "filhote de certos animais, como a cadela, a loba, a leoa, a hiena, a onça, etc." Este sentido ainda é válido em Portugal e no Brasil está abonado, por exemplo, em Aluísio de Azevedo, escritor brasileiro do século XIX: "a dedicação do Coruja pelo amigo parecia crescer de instante para instante. Uma leoa não defenderia os seus cachorros com mais amor e mais zelos" (*O Coruja*, p. 48)¹⁰. Provavelmente, tendo em vista a conotação negativa de *cão*, termo insultoso e usado como eufemismo para evitar a palavra *diabo*, tornou-se ele um tabu lingüístico e o vocábulo que denotava o filhote do animal passou a ser usado em substituição.

Várias hipóteses têm sido aventadas para explicar a etimologia de *cachorro*. A discussão amplia-se a nível ibérico, já que o vocábulo, também em espanhol, designa o filhote de certas feras, em especial o "cachorrinho", a forma estando atestada na península desde o século XV. Uma das propostas é a origem latina, com base na qual temos *cacho*, primitivamente o "cachorro" (leia-se o filhote de certos animais), a que se teria juntado o sufixo ibérico *-orro*. *Cacho* proviria do latim vulgar **cattulum*, por epizeuxe ou reduplicação afetiva do latim *catulum*. Corominas¹¹ acredita que, apesar de *cacho* não se encontrar diretamente documentado em castelhano – muito embora alguns dicionaristas, copiando-se mutuamente, afirmem

o contrário –, essa etimologia não deve ser descartada, pois derivados como *cachondo* e *cachillada*, do espanhol, atestam indiretamente a existência de *cacho*. O sufixo *-orro* não tem mais produtividade no português moderno. Comprovando isto, a sua exclusão das listagens dos sufixos na maioria das gramáticas do português, inclusive na *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima, que, para o elenco dos sufixos aumentativos de procedência ibérica apresenta apenas *-ego*; *-ejo*; *-ito, a*; *-orra* (*cabeçorra, machorra, mangorra*)¹². Além disso, as formas *beatorro* e *sapatorro*, abonadas por Aurélio Buarque de Holanda em seu dicionário,¹³ não fazem parte do idioleto das pesquisadoras da presente investigação, ao qual pertence, entretanto, a forma feminina do sufixo (cf. *beijorra, cabeçorra*) – o que é significativo no que diz respeito à falta de produtividade do sufixo constitutivo do vocábulo *cachorro*. Na *Nova gramática do português contemporâneo*, Celso Cunha e Lindley Cintra consideram que em épocas mais antigas os sufixos aumentativos *-arro/-arra* e *-orro/-orra* não tinham o forte valor depreciativo de hoje (*bebarro/bebarra* e *beatorro/beatorra*), acrescentando, a propósito do sufixo de *cachorro*:

[...] A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de “filhote de cão e de algumas feras”, deveria ter sido um diminutivo.¹⁴

Uma outra origem apresentada para *cachorro* é a basca, etimologia defendida por Rohlfs¹⁵, que sustenta o vocábulo provir de *txakur*, com metátese das consoantes *tx* e *k*. No dicionário de Corominas, afirma-se que Lecoy contesta esta proposta, considerando surpreendente, em espanhol, esta metátese consonantal e que, além disso, *txakur* em basco designa “perro y no cachorro.”¹⁶ Uma terceira explicação etimológica para o vocábulo, que parece a Corominas mais aceitável que a precedente, é considerar uma criação expressiva, imitativa da interjeição *k-č* ou *k-s* com a qual se chamavam os cães. Lembramos que, para o espanhol *perro* (= cão, cachorro), a hipótese etimológica mais plausível é também a de que o termo proviria do grito *prrr, brrr*, com que os pastores incitavam os cães a tanger o gado.

O feminino de *cão*, *cã*, desapareceu no português moderno, tendo sido substituído por *cadela*, do latim *catella*, que significava “cadelinha”. No português moderno, além de designar a fêmea do *cão*, *cadela* pode se aplicar, como termo injurioso, a uma mulher de procedimento censurável e pode significar ainda *me-retriz*. *Cachorra* denota a filhote fêmea de certos animais, em especial, a “cadela ainda nova”. No Brasil, passou a ser o feminino de *cachorro*, sinônimo de *cão* e, como gíria da região Sul, significa “dor-de-cotovelo” (= ciúme ou despeito por motivo de amor). Na locução *cachorra aferente*, trata-se de um termo técnico, da linguagem da arquitetura, que se refere a uma “peça de madeira ou cachorro de beirada, que se apóia numa cimalha de alvenaria, para obter maior balanço” e *com a cachorra* é uma locução da gíria do Rio de Janeiro que equivale a “de péssimo humor” (Estar, ficar com a cachorra).

O diminutivo dos vocábulos é *cãozinho* e *cãozito* ou *cachorrinho*. Como sinônimos, os termos *totó* (dicionarizado no Novo Aurélio), familiar, e *au-au* (não dicionarizado), pertencente à linguagem infantil. Para a voz do animal, diz-se *latir* (*latido*), do latim *glattire* e *ladrar* (*ladrido*, *ladrado*, *ladro*), do latim *ladrare*, o último sendo usado em um registro mais formal ou literário. E ainda: *balsar* (sem o substantivo correspondente), *uivar* (*uivo*), *ulular* (*ululo*, *ululação*), *ganir* (*ganido*) e *rosnar* (*rosnadura*, *rosnadela*), com diferenciações semânticas facilmente depreensíveis.

Ambos os vocábulos, tanto *cão* como *cachorro*, são formas injuriosas, usadas para insultar uma pessoa, o segundo sendo talvez mais forte que o primeiro, sobretudo no feminino *cachorra*, que adquire conotação sexual, designando uma mulher lasciva, desavergonhada e de costumes desprezíveis. O sentido pejorativo de *cachorra* é tal que para se designar a fêmea do animal usa-se freqüentemente *cadela*, o feminino de *cão*, embora esta forma tenha sido suplantada, na linguagem comum, por *cachorro* e que *cadela* também se use com sentido pejorativo. Já na designação do anjo decaído, habitante do inferno e tentador dos homens, apenas *cão* recebe guarida, sendo sinônimo, nessa acepção, de *diabo*, *diacho*, *satanás*, *capeta*, *demônio* e outros¹⁷. Por outro lado, em extensão metafórica, *cachorro* significa "menino levado, travesso, turbulento" (cf. Novo Aurélio, acepção 4) e também *cão*, embora não esteja dicionarizado no NA, pode ser usado com conotação positiva quando aplicado a uma pessoa (Esse menino é um cão em matemática; = um ás, muito bom, formidável).

O semantismo dos dois vocábulos abrange ainda sentidos analógicos, em que *cão* se aplica a objetos, por alguma semelhança com o animal: 1) peça da espingarda que percute a cápsula; 2) peça de madeira que pende da calha de tremonha e assenta sobre a mó; 3) armação metálica para apoiar a lenha que arde na lareira e evitar que ela role para fora; 4) antiga peça de artilharia. Por sua vez, *cachorro*, pelas mesmas razões de analogia, pode designar: 1) como termo técnico da arquitetura, peça em balanço, de madeira ou de pedra, que sustenta ou aparenta sustentar beirais de telhados e pisos de sacadas ou balcões, etc.; 2) como termo da Marinha de Guerra, antigo, cada um dos canhões que podiam ser empregados quando o navio atirava contra caça (*cachorros de proa*) ou em retirada (*cachorros de popa*); 3) como regionalismo, do Pernambuco, significa balsa de buriti, descoberta, usada no transporte de carga no rio Parnaíba.

Os dois vocábulos aparecem na constituição de lexias compostas e complexas. No primeiro caso, temos: *Cão maior*, *Cão menor* (constelações), *cão de fila*; *cachorro-d'água* (= lontra), *cachorro-de-padre* (nome de peixe, = anujá), *bonito-cachorro* (peixe, = serra), *cachorro-do-mato* (o Thous L., = aguaraxaim, graxaim, guaraxaim), *cachorro-do-mato-vinagre* (= aracambé, jaguaracambé, jaguacininga, janauíra, januaíra), *cachorro-vermelho* (arvoredo da Amazônia), *cachorro-quente* (= sanduíche) e *cachorro racinal* (termo de arquitetura). Como lexias complexas, *dar a língua aos cães* (= renunciar a explicar alguma coisa), *tratar alguém como um cão* (= dar-lhe mau trato), *entre o cão e o lobo* (ao lusco-fusco; na hora do crepúsculo, quando não se pode distinguir a fisionomia das pessoas), *morrer como um cão* (= morrer desprezado, ao abandono), *levar vida de cão* (= levar uma vida

difícil, trabalhosa e miserável), *ser como o cão com o gato* (diz-se das pessoas que estão sempre brigando entre si), *acordar o cão que dorme* (= estimular o inimigo que estava quieto; bulir em coisas que estavam esquecidas e de que pode resultar algum mal; suscitar idéias, lembranças perigosas); os adágios: *os cães ladram e a caravana passa* (= quem está seguro de seus atos, não presta atenção à desaprovação alheia) e *cão que ladra não morde* (= quem fala muito e muito ameaça, não é capaz de agir). Nenhuma dessas expressões idiomáticas com *cão* constam do Novo Aurélio. Com relação a *cachorro*, apenas aparece aí dicionarizado *soltar os cachorros em cima de*, que significa “insultar, apostrofar” e “discutir acaloradamente com, altercar com”.

Para completar o quadro analítico aqui desenhado com referência à significação dos dois vocábulos que, em português, designam o *canis familiaris*, duas observações finais ainda se impõem. *Cachorro*, no jogo do bicho, constitui o quinto grupo, que abrange as dezenas 17, 18, 19 e 20, correspondente ao número cinco. Formas homônimas de *cão* significam: 1) mercado público, no Oriente Médio; 2) espécie de estalagem para repouso das caravanas, no Oriente; 3) título de alguns soberanos orientais (ant.).

Esse giro no mundo das palavras e no reino dos animais revela não haver paralelismo total nos continuadores do *canem* latino, em francês e em português, tendo possibilitado que a divergência fosse focalizada. A lexicologia contrastiva aponta para aspectos surpreendentes ligados à denominação do animal que, provavelmente, primeiro foi domesticado pelo homem. Assim, no nível da fraseologia estereotipada, ao lado de correspondências do tipo *comme chien et chat/como cão e gato, como gato e cachorro; chien qui aboie ne mord pas/cão que ladra não morde; les chiens aboient, la caravane passe/os cães ladram e a caravana passa*, depara-se com especificidades de uma só língua, como as lexias do francês *aimer Bertrand et son chien, avoir du chien, merci mon chien, être comme le chien du jardinier* ou as do português *ficar com a cachorra* ou *soltar os cachorros em cima de*.

RÉSUMÉ: *Étude de la dénomination, en français et en portugais, de l'espèce zoologique premièrement domestiquée par l'homme, c'est-à-dire le chien. Des informations extra-linguistiques sur l'animal sont présentées et on souligne la pertinence de la question dans les analyses linguistiques, notamment celles concernant la reconstitution des langues hypothétiques. Les lexies, dans les deux langues, sont examinées du point de vue de leur constitution historique et, synchroniquement, dans le réseau paradigmatique et syntagmatique de significations où elles s'insèrent.*

MOTS CLÉS: *Chien; analyse lexicale contrastive; lexique.*

NOTAS

- ¹ Cf. verbete *cão* no Novo Dicionário Aurélio.
- ² HAUDRY, Jean. *L'indo-européen*. Coll. "Que sais-je?" Paris: Presses Universitaires de France, 1979 (1ª ed.), 1984 (2ª ed.), p. 122.
- ³ Na verdade, trata-se de reprodução da lista estabelecida por Swadesh ("Comparative Jê Phonology", in *Estudos lingüísticos*, vol. 1, nº 2, 1966 e "Some Macro Jê relationships", in *International journal of american linguistics*, 34(1), 1968: 42, 47) e os exemplos com o nostrático, as de Illic-Švityc (*Opyt srannenija nostraticeskikh yazykov*. (An essay of a comparison of nostratic languages). Moscow, 1971, vol. 1 e 1976, vol. 2) e Dybo ("Nostraticeskaya makrosemya i problema ee vremennoj localisacii" (Nostratic macrofamily and the problem of its temporal localisation), in *Linguistic reconstruction and ancient History of Orient*, v. 5, Moscow, 1984, p. 3-25).
- ⁴ Cf. p. 76 de ANGENOT, Alexandra Y. Aikhenvald e ANGENOT, Jean-Pierre. On some possible isoglosses between eurasian proto-nostratic and south-american proto-jê. In: *Estudos lingüísticos e literários*, Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, nº 10, dezembro 1990, p. 65-92.
- ⁵ As abreviaturas referem-se a: N, nostrático; IE, indo-europeu; J, jê; Ap, apinaye; Ca, canela; Su, sua.
- ⁶ Cf. verbete *cachorro*, *cão* de NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, 3ª ed. revista por Olavo Aníbal Nascentes.
- ⁷ CALVET, Louis-Jean. Le renard, la belette et le lapin. In: *Le français dans le monde*, nº 237, nov./déc. 1990, p. 22.
- ⁸ VIDOS, B. E. *Manual de lingüística románica*. Madrid: Aguilar, 1967, p. 370 (As remissões de Vidos são para RICHTER, E. Der innere Zusammenhang in der Entwicklung der romanischen Sprachen, in: *ZRPh*, B. LXXXII. Halle, 1934).
- ⁹ Exemplo retirado do DFC (= o pobre totozinho da mamãezinha vai pegar uma gripe se sair sem seu casaco).
- ¹⁰ Cf. acepção nº 2 do verbete *cachorro* do Novo Dicionário Aurélio.
- ¹¹ Cf. verbete *cachorro* em COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954.
- ¹² Cf. p. 185 de LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1987.
- ¹³ Cf. verbete *-orra* do Novo Dicionário Aurélio: Δ -orra. [Do vasconço] Suf. nom. = aumento: cabeçorra, pichorra. [Equiv.: -orro: beatorro, saporro.]
- ¹⁴ CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- ¹⁵ Cf. verbete *cachorro* em COROMINAS (Ver nota 11).
- ¹⁶ Cf. verbete *cachorro* em COROMINAS (Ver nota 11).
- ¹⁷ No *Dicionário de sinônimos* de Antenor Nascentes (cf. nota 6), encontramos os seguintes sinônimos para diabo: *cão*, *capeta*, *coisa-ruim*, *demo*, *demônio*, *diacho*,

pé-de-pato, sujo tihoso, mangalô, três vezes, almadiçoado, anhagá, anjo-das-trevas, anjo decaído, anjo-do-mal, anjo mau, anjo negro, anjo rebelde, arrenegado, asmodeu, beijudo, belial, belzebu, barzabu, barzabum, berzebu, brazabu, brazabum, betordo, bicho, bicho feio, bicho negro, bode preto, bute, canfiambé, cafute, cafutinho, caneco, caneta, canhim, canhim miúdo, canhoto, cão miúdo, cão negro, cão sujo, capataz, capiroto, carapuça vermelha, careca, cariapemba, carocho, coisa má, a tal coisa, compadre, condenado, coxo, crespo, decho, alféia, demonarca, demongre, demontres, dexemo, diá, diabre, dialho, diana, diangas, diangras, dianho, diano, diantre, diogo, diolho, dragão infernal, espinhaço de cavalo magro, espírito-das-trevas, espírito-de-sedução, espírito imundo, espírito infernal, espírito malino, espírito mau, espritado, excomungado, farrapeiro, ferrabrás, fúria, fute, gadelha, galhardo, gênio-das-trevas, gênio-do-mal, grou, guedelha, gadelha, infeliz, inimigo do gênero humano, João grou, jurupari, labrego, leba, Lúcifer, lusbel, mafarrico, manfarrico, má-jeira, maldito, malino, malvado, manjeira, manguinho, manquito, metistófeles, mefisto, inimigo da luz, mentiroso, mermelho, mofeno, mofino, moleque-do-surrão, não-sei-que-diga, padeiro, pai-da-discórdia, pai-da-mentira, pai-da-sedução, pai-do-mal, pecado, pé-de-gancho, pedro botelho, pedro malasartes, peneireiro, peste, porco sujo, príncipe-das-trevas, príncipe-deste-mundo, príncipe-do-ar, rabão, rabudo, rapaz, romão, romãozinho, roto, sapucaio, saramantelho, satã, satanás, satânico, sem-vergonha, serpente infernal, serpente maldita, taneco, tardo, tatro, temba, tendeiro, tanego, tentação, tibério-da-capa-verde, tição, tignano, trasgo, vadio, veneno, zangão, zarapelho, zumbi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários do português:

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio Janeiro: Editora Delta, 1958.

Enciclopédia Barsa. São Paulo: Britânica, 1983.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975 (1ª edição) e 1986 (2ª edição.).

MORAIS SILVA, Antônio de. *Diccionario da língua portuguesa*. Fac-simile da segunda edição, 1813. Rio de Janeiro: Littro Typographia Fluminense, 1922.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. Rio de Janeiro: Editora. Nova Fronteira, 1981. 3ª edição.

Dicionário do espanhol:

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954.

Dicionários do francês:

- Dictionnaire pratique du français*. Paris: Hachette, 1987.
- Dictionnaire du français contemporain*. Paris: Larousse, 1971.
- Petit Larousse illustré*. Paris: Larousse, 1974.
- Petit Robert*. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Société du nouveau Littré, 1994.
- Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Société du nouveau Littré, 1992.
- Trésor de la langue française*. Du XIX^e au XX^e siècle. 16 tomos . Paris, Nancy: CNRS, Gallimard, 1971-1995.
- Dictionnaire des synonymes*. Paris: Larousse, 1988.
- Dictionnaire des expressions et locutions*. Les usuels du Robert. Paris: 1989.
- Dicionário francês-português de locuções*. São Paulo: Ática, 1980.

Outros:

- ANGENOT, Alexandra Y. Aikhenvald e ANGENOT, Jean-Pierre. On some possible isoglosses between eurasian proto-nostratic and south-american proto-jê. In: *Estudos lingüísticos e literários*, Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, n^o 10, dezembro 1990, p. 65-92.
- CALVET, Louis-Jean. Le renard, la belette et le lapin. In: *Le français dans le monde*, n^o 237, nov./déc. 1990, p. 22.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- HAUDRY, Jean. *L'indo-européen*. Coll. "Que sais-je?" Paris: Presses Universitaires de France, 1979.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1987.
- MOUNIN, Georges. *Clefs pour la sémantique*. Paris: Seghers, 1972.
- VIDOS, B. E. *Manual de lingüística románica*. Madrid: Aguilar, 1967.